

## **De Édipo a Godot, Companhia Azul Celeste não para de investigar a cena “Aquele Que Tem os Pés Inchados” e “Tudo a Fazer” são verdadeiras assinaturas de amor ao teatro**

Por Leidson Ferraz  
Crítico convidado

O teatro é mesmo um front de resistência a todo tipo de intolerância e arbitrariedade social, ainda que diante das muitas dificuldades para manter-se atento e forte a ataques, seguindo sempre na contramão do seu propalado fim. Com 37 anos dedicados a essa linguagem, a Companhia Azul Celeste, de São José do Rio Preto/SP, pôde mostrar dois de seus mais recentes espetáculos na programação do FIT Rio Preto 2025 e ambos me deram enorme prazer de assisti-los exatamente pelo imenso amor, tão resistente, que denotam ao palco. Primeiro conferi, na própria sede da companhia, “Aquele Que Tem os Pés Inchados” em estreia nacional, concebido a partir do mito de Édipo; alguns dias depois, no Teatro Municipal Nelson Castro, foi a vez de “Tudo a Fazer”, que se apropria de um intrigante texto do dramaturgo romeno/francês Matéi Visniec, “O Último Godot”. Duas montagens que reforçam a ousadia e a investigação dramática e estética da equipe liderada pelo múltiplo Jorge Vermelho, além do compromisso profissional em cada detalhe levado à cena. Ambas as realizações são essencialmente sobre e do teatro.

Posto ao público como uma espécie de travessia cênica onde todos os caminhos nos levarão a constatar que o destino é mesmo implacável, “Aquele Que Tem os Pés Inchados” – em referência à criança que deveria morrer com os pés atados – surpreende pela assinatura própria de sua dramaturgia, pois Jorge Vermelho, o autor (com supervisão de Luís Alberto de Abreu), também diretor, reescreveu o mito do filho que tenta fugir de matar o próprio pai e desposar a mãe com uma desenvoltura impressionante, atualizando-o em contextos até inesperados, vide a presença dos tantos comentários musicais-dançados e dos celulares em toda a encenação. Cada detalhe da tragédia grega é aproveitado com maestria, especialmente nas camadas modernizantes de construção do empresário-sambista Laio, inclusive no estupro homossexual que cometeu quando jovem, fonte do seu castigo; de um Oráculo de Delfos trasmutado em pai de santo; e da Esfinge, bicha-mestra de cerimônias a distribuir cervejas e comentários acidamente provocantes.

Tudo se passa no Tebas Bar, lugar de farra e festa, mas também de negócios ilícitos. Lalá, casado com Joca, que ainda cuida do filho bebê, é o dono do espaço, mas quem toma conta mesmo é a gerente/garçonete Esfínter, nome ótimo para a composição de uma personagem que é devoradora em todos os sentidos. Brincando em meio a charadas, é ela quem conduz grande parte da montagem, como se o próprio autor tivesse se deixado seduzir por sua figura enigmática. O ator Murilo Gussi se deleita com o papel, criando uma persona sinuosamente perigosa e querida. A cena em que ela, já desmascarada do seu tráfico de influências, afirma o quão difícil é sobreviver nas frestas, esgueirando-se numa sociedade que a atura nos mínimos espaços disponíveis, é de arrepiar. Pena que quando ambos saem de cena, Lalá e Esfínter, o ritmo de interesse cai um pouco, pois todos já sabemos como a trama vai dar e as principais personagens, Joca e Edy, envolvidas a partir de um aplicativo de relacionamento, não têm a mesma composição detalhista, inclusive no momento de descoberta da trágica profecia que uniu maritalmente mãe e filho (a cena final com as tesouras em um arranjo de cegueira é bela).

No entanto, de todas as presenças, a que ganhou menos apropriação foi mesmo Creonte, jovializado em demasia como um insistente fazedor de rap, sem desvelar melhor seus interesses ocultos, ainda que o tenhamos como mediador daquele caos. Isso não invalida em nada o impacto que a peça causa, pois ela abre fissuras de estranhamento proposital, dos nomes das personagens às interpretações estilizadas, borrando fronteiras entre arquétipos e desconstruindo o dilema mítico com ares de contemporaneidade. Tudo é dúbio, provocante, num ritmo ágil – apesar da 1h40 de duração – e numa moldura sonora impecável, sem contar a equalização da trilha instrumental em playback que não briga com as vozes dos atores cantando, dando-nos a impressão de estarmos cercados pelo som em 360 graus. Há ainda os figurinos de Claudia Schapira que são um luxo, entre a pompa de certa nobreza clássica na sobreposição de tecidos e a modernidade noturna dark e underground, além das referências afrocentradas.

A passagem de tempo marcada por projeções de logomarcas de empresas do mundo virtual e figuras sociopolíticas do planeta num caser/balcão de bar giratório é de extrema beleza e reafirma a modernidade necessária para equalizar tão devastadora tragédia em crítica, poesia, certo humor e feridas abertas ao mesmo tempo. Precipitado à

morte, o errante Edy, amalgamado entre o herói trágico que sabe do seu destino e o impetuoso jovem que vem para domar tudo, sem poder controlar a si próprio no que já lhe estava predestinado, nos põe a constatar que tudo está realmente interligado, conectando-nos com símbolos ancestrais, da Grécia, da África, da rede mundial de computadores ou de alguma metrópole escura. Basta sabermos reescrever tempos e espaços com os mesmos mitos de ontem, de hoje e de sempre. O elenco é composto por Alexandre Manchini Jr., Fabiana Pezzotti, Clauco Garcia, Lorenzo Hernandez, Lucas Hernandez, Rodolfo Kfourri e Murilo Gussi.

---

Em “Tudo a Fazer”, Jorge Vermelho e Alexandre Manchini Jr. escolheram como esteira principal da dramaturgia a obra “O Último Godot”, do sempre instigante Matéi Visniec, e adicionaram a ela, como bricolagem mesmo, excertos de reflexões de outros provocadores, a exemplo de Jorge Luis Borges, Franz Kafka e Albert Camus. O resultado é uma exortação para que os apaixonados pelo teatro, estando nas coxias, no palco ou na plateia como espectadores, não o deixe calado frente a tantos ataques e assumo o papel que lhe cabe na guerrilha da vida: uma imprescindível ágora que desperta mentes à luta, da razão à ação, incansavelmente. A obra nasceu em 2020, em pleno período da pandemia, quando nós, artistas, já estávamos cansados de tanta criminalização pelo (des)governo anterior. A peça nos instiga a não deixar o teatro inerte em tempos de ataque aos seus fazedores, além de gerar uma bela homenagem ao próprio ato de escrever e levar à cena um espetáculo cênico: é metalinguagem potente.

Marcada por uma iluminação detalhista de Luís Fernando Lopes, com execução precisa de Alexandre Manchini Jr., que brinca de ora revelar e ora ocultar duas figuras, no mínimo, exóticas, a montagem se presta a ilusoriamente nos mostrar um improvável duelo de acerto de contas. De um lado, um escritor teatral que é ícone do Teatro do Absurdo e foi expulso da própria casa de espetáculos em que trabalhava, Samuel Beckett, o irlandês mais sisudo e enigmático da dramaturgia mundial, que traduziu como ninguém o vazio da existência, a total estagnação do “não há mais nada a fazer”. No outro viés, Godot, uma configuração andrógina e multifacetada de artefatos de camarim, excentricamente extravagante, quase drag, irônica à qualquer referência divina (desconstruindo o que geralmente se presume na peça “Esperando Godot”, de Samuel Beckett), prontíssima para finalmente questionar cara a cara com o seu criador o motivo de constantemente ser citada na obra original, dando-lhe o título inclusive, mas nunca poder dar o ar da graça presencialmente. Mesmo na sombra, não se quer deixar parada.

Nessa alternância de opostos, qualquer apaixonado pelo teatro vai se deliciar com os instantes de reflexão de ambos, com arranjos existencialistas de quem milita a favor dessa arte, inclusive abrindo espaços a pormenores aparentemente banais, mas que podem ganhar uma significância absurda quando estamos em derrocada eminente. Um exemplo, a observação do que há num lixeiro de um teatro em bancarrota, restos de afetividade que precisam ser iluminados. Jorge Vermelho e Daniel Neves, protagonistas da montagem, junto a um grande coro de figuração, se comportam em divergência exemplar, mutáveis e performáticos entre a singeleza e a agressividade, entre o patético e o sentimental, intrigando o público com suas constatações em confronto permanente sobre ser e não-ser, continuar ou não continuar, resistir ou arrefecer. Nesse ativismo e guerrilha cultural, ganha quem abraça o teatro como verdadeira saída. A direção do trabalho é de Georgette Fadel e do próprio Jorge Vermelho, sempre a escolher paisagens sonoras irretocáveis, para além dos demais detalhes de uma cena eminentemente com sede e fome de fazer.